



ELEMENTOS DE ALIANÇA NA NARRATIVA DE JONAS

ALLIANCE ELEMENTS IN THE JONAS NARRATIVE

Victor Chaves Moreira¹²

¹² Graduando em Teologia pela Faculdade Internacional Cidade Viva - FICV. Email: vchavesmoreira@gmail.com

RESUMO

O livro de Jonas contém uma das narrativas mais famosas, mas também mais controversas do texto bíblico. Dentre as controvérsias, se encontra a discussão sobre a historicidade de tal relato, se é fato histórico ou apenas uma fábula tardia. Diferentemente dos demais profetas, Jonas não é alvo de discussões dentro do tema da teologia da aliança, uma vez que o livro em parece não carregar elementos que tratem do assunto. Todavia, o presente artigo procura mostrar o contrário: partindo do pressuposto de que Jonas é um relato de histórico, o autor destaca elementos da narrativa que possuem alta relação intertextual com os elementos da teologia da aliança, especialmente da aliança davídica, na qual Jonas se encontra historicamente; como também a visão que o Novo Testamento tem do livro.

PALAVRAS-CHAVE

Jonas. Profeta. Israel. Bíblia. Teologia. Aliança

ABSTRACT

The book of Jonah possesses one of the most famous, but also most controversial narratives of the biblical text. Among the controversies, there is the debate about the historical value of the text, if it is a historical fact or just a later fable. Unlike the rest of the prophets, Jonah is not a target of discussions on the the topic of the covenant theology, since the book does not seem to bear elements which deal with such issue. However, this paper looks to show the opposite: starting on opinion that Jonah is a historical narrative, the author highlights elements in the narrative which have a intertextual relation with the elements of the covenant theology, especially the davidic covenant, which Jonah is found historically; and also the vision of the New Testament about the book.

KEYWORDS

Jonah, prophet, Israel, Bible, Theology, Covenant

1. INTRODUÇÃO

O livro de Jonas narra uma das histórias mais populares, mas também mais debatidas da Bíblia. A narrativa do profeta que fugiu de Deus e foi engolido por um peixe é alvo de debates sobre se seu conteúdo é histórico, ou se é meramente uma fábula, mesmo em círculos conservadores. Jonas é contado tanto na Bíblia Hebraica (תנ"ך – Tanakh) como no cânon cristão entre os “Profetas Menores”, ou os 12, como é chamado esse volume na Bíblia Hebraica, o qual vê todos esses profetas como um único livro.

O fato da estrutura literária de Jonas (nesse caso, uma narração em forma de prosa) ser tão diferente dos demais profetas com os quais o livro é agrupado (nesse caso, oráculos proféticos escritos de forma poética), lança dúvidas sobre o real motivo de ser contado entre a literatura profética. Além disso, Jonas tem outras peculiaridades: o livro não parece ter sido escrito pelo profeta, como pensam alguns, a mensagem de Deus não é direcionada a nação rebelde de Israel, mas sim para uma cidade pagã; o livro contém uma série de elementos “místicos” (o peixe, o arrependimento completo de Nínive, a planta), o que faz os mais críticos se recusarem a ver a narrativa como histórica. Um outro ponto importante que pode ser dito é o fato de que no Novo Testamento, Jesus cita Jonas com uma espécie de “tipo” dele mesmo.

Como a mensagem e arrependimento é direcionada a uma cidade não israelita, não é vista na mensagem de Jonas nenhuma menção sobre desobediência a aliança, o que faz com que esse livro seja passado por alto por praticamente todos os autores que falam sobre o assunto. Mas a proposta deste artigo é mostra exatamente o contrário: ainda que Jonas não mencione a aliança de forma explícita, seu livro é também uma fonte de informação para a teologia da aliança.

2. QUESTÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE ALIANÇA

Aliança é entendida como um acordo de duas partes, um soberano e um subordinado, seu conteúdo mostra como o acordo foi feito e porque foi feito, além dos termos nos quais ela deve funcionar para manter o acordo, e o que acontece quando uma

parte descumpra com o acordo (BARRY et al, 2016a; EASTON, 1893; BARTHOLOMEW, GOHEEN, 2017; BRAMON et al. 2018).

A clássica definição de aliança de O. Palmer Roberson, é “um vínculo de sangue soberanamente administrado”. Essa seria a síntese do que acontece em toda Bíblia sobre esse tema. As Escrituras mostram Deus não apenas como criador do mundo, mas também se revelando de forma especial as suas criaturas e se relacionando com elas (ERICKSON, 2015; BARTHOLOMEW, GOHEEN, 2017). A ideia de aliança está ligada a ideia de relacionamento de Deus com a humanidade, e mais especificamente com seu povo (BARTHOLOMEW, GOHEEN, 2017). A aliança determina como esse relacionamento se dar, e como Roberson já disse, é “soberanamente administrado”, ou seja, é Deus quem estipula as condições. O foco do tema da aliança é visto com vários personagens na Bíblia: Adão, Noé, Abraão, Moisés, Davi, e Jesus (BARTHOLOMEW, GOHEEN, 2017). É debatido se de fato houve no Éden alguma aliança feita, uma vez que não há menção do termo na narrativa, mas há bastante evidência positiva em relação a isso. Cada aliança é geralmente vista a como continuidade ou ampliação da anterior, pois os elementos contidos em uma aparecem na outra que segue.

Um ponto importante é que, a aliança com Israel ainda que o torne distinto das outras nações, como povo escolhido de Deus, ele também deve ser luz para as nações (o Drama, ver: Is 60.3; 51.4; 42.6; 49.6, Ex. 19.5-6; Dt. 4:6-7). Sendo assim, o objetivo de Deus para com Israel não exclusivo, mas sim inclusivo, de maneira que os outros povos fossem abençoados por meio de Israel (Gn 27:29; 18:18; 22:18; 26:4; 28:14; 30:27, 30; 39:5. Ps. 72:17, Is 56.6-7, 2:2-3, 66.19-20, Mi 4:1, 2, Zc 8:23). O interesse de Deus é para com todos, e Israel é esse canal por onde Deus realiza seus propósitos. Isso é uma forte evidência de a ordem de Deus para Jonas ir até uma nação pagã não foi algo no vácuo, já era algo previsto na aliança com Israel.

Dentre as alianças, a que mais interessa para o tema em questão é aliança com David, pois seria justamente no período desta aliança que os eventos narrados em Jonas aconteceram. Uma citação em 2 Reis 14:23-25 fala sobre o sucesso de Jeroboão em expandir o reino de Israel, conforme uma profecia feita pelo profeta Jonas, “filho de Amitai, que era de Gath-Hepher”. Não há dúvidas de se trata do mesmo Jonas do livro que recebe o seu nome. (BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLOGICA, 2013) Sendo assim,

assumindo o livro como histórico, os eventos relatados teriam acontecido em algum momento no meio do século 8 a. C (BARRY et al, 2016b; MARTINEZ, 2014).

Esse período estaria em vigor a aliança que Deus fez com Davi. 2 Samuel 7 é o principal texto em questão no tema da aliança davídica, junto com 2 Samuel 23.5, Salmo 89.19-17, 132:1-2. Essa aliança se dá depois que Deus repreende a intenção de Davi de construir uma “casa” (heb בית - bayt) para ele, afirmando que ele não habitou em casa nenhuma desde que tirou o povo de Israel do Egito. No lugar disso, Deus diz que ele vai construir uma “dinastia” (heb בית - bayt) para Davi, com uma linhagem real que não teria fim, graças a um filho dele (heb בן - ben, também pode ser entendido como “descendente”) (BARRY et al, 2016a). A promessa de uma linhagem real não era algo novo, várias promessas anteriores já haviam sido feitas sobre uma linhagem real anteriormente (Gn 17.6; 35.11; 49.10; Ex 19.6; Dt 17.15-18). Deus elegeu um povo em Abraão, fez eles uma nação em Moisés, e por fim os levou a serem um reino em Davi (BARRY et al, 2016a), sendo assim o topo das promessas de Deus para com Israel alcançadas nesse período.

Essa aliança põe os termos das anteriores com foco na figura do rei, descendente de Davi (BARRY et al, 2016), que servirá de representante para toda a nação de Israel. Quando o rei é fiel a Deus, a nação é abençoada, da mesma se ele é infiel, a nação sofre as consequências das maldições. Na narrativa bíblica, a maior parte dos reis segue o caminho de infidelidade, a começar por Salomão, o próprio filho de Davi, que construiu o templo, e Roboão, o filho dele, cuja atitude insensata causa uma divisão no reino. Mesmo assim, Deus não muda ideia em relação a aliança por amor de Davi (1 Reis 11.12; 32-33; 15.4)

Os reis que seguem, agora nos dois reinos (Israel no Norte e Judá no Sul), são desobedientes a aliança em sua maioria, e levam o povo inteiro a constantes rebeliões contra Deus e sua lei. Os profetas são agora aqueles que vão chamar o povo a se arrependerem e voltarem a andar com Deus, para que ele refreie o seu juízo e faça a terra prosperar como ele prometera desde o princípio.

É nesse contexto que Jonas se enquadra. Como dito acima, tal profeta só é mencionado uma única vez na Bíblia Hebraica fora do livro que leva o seu nome: 2 Reis 14.23-25. Nessa passagem é

mencionado o início do reinado de Jeroboão, filho de Jeoás. É dito que foi um rei mal, mas que “restabeleceu os limites de Israel [...] segundo a palavra do Senhor, Deus de Israel, anunciada por meio de seu servo Jonas, filho de Amitai, o profeta, que era de Gate-Hefer.” Isso poderia fazer Jonas um possível contemporâneo de Oseias e Amós (BARRY et al, 2016a; MARTINEZ, 2014), profetas que também tem uma dura mensagem sobre juízo e arrependimento. A diferença de Jonas em relação a eles é que, ao invés de Israel, esse profeta é mandado para uma cidade pagã. Ainda que o livro não mencione o termo aliança (heb. ברית - berit), contém elementos importantes para esse tema, como será abordado a seguir.

3 CONTEXTO HISTÓRICO

3.1 HISTORICIDADE DE JONAS

A primeira grande questão sobre Jonas é a história foi verídica, ou apenas alguma composição tardia que usou o nome de profeta conhecido com algum propósito moral (BARRY et al, 2016b). O livro não contém um cabeçalho semelhante aos dos demais profetas, como a fórmula “palavra de [nome do profeta] filho de [...], nos dias de [nome(s) do(s) rei(s) do período do ministério do profeta”; isso faz com que se acredite (mesmo os que defendem a historicidade do livro) que ele mesmo não foi o escritor (BARRY et al, 2016b). Os que afirmam se tratar de uma ficção, falam ser o livro uma obra do período pós exílico feito para criticar as políticas nacionalistas de Esdras e Neemias (BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICA, 2013), além de estar carregado de elementos de ironia, típicos de uma sátira (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2012; BARRY et al, 2016b). Mas ainda assim, Além de Jonas ter sido um personagem histórico como apontam 2 Reis 14.25, e o próprio Novo Testamento mostra Jesus o citando o arrependimento de Nínive como tendo realmente acontecido (Mt 12.39-41; 16.4; Lucas 11.29-32).

3.2 NÍNIVE, A GRANDE CIDADE

A cidade Nínive foi a capital do império Assírio, o qual dominou de 703 a 612 a. C. (BARRY et al, 2016a), e foi inimigo da nação de Israel, sendo responsável pelo cativo das 10 tribos do Norte (2 Reis 17.23 – depois do período de Jonas). As referências que os profetas fazem a Nínive focam em sua destruição (Jonas 1.2; Nah 2.8; 3:7; Zc 2.13) (BARRY et al, 2016a). Segundo (MARTINEZ,

2014) a situação de Nínive na época de Jonas tornou tudo propício para um arrependimento rápido: a Assíria tinha sofrido diversos tipos de revoltas e testemunhou um eclipse no ano 763 a. C., que teria sido entendido como um tipo de sinal sobre algo ruim. O livro utiliza o adjetivo “grande” (heb. גדול-Gadol) para descrever a cidade, o eu poderia ser uma referência tanto de seu tamanho como uma figura de linguagem para sua iniquidade, que teria despertado a ira de YHWH. Um fato curioso, é que o nome da cidade só é mencionado em 3.1 no livro de Jonas, a ordem de Deus para o profeta no v. 1 era para clamar sobre “a grande cidade”, dando a entender que o epíteto era suficiente para identificar de qual cidade estaria se falando.

4. JONAS E A ALIANÇA

Como dito anteriormente, o livro não possui qualquer menção do termo aliança, o que pode ser explicado pelo fato de que o livro foca em uma missão fora de Israel. Mas ainda assim o livro contém elementos a construir com a teologia da aliança. Serão considerados a seguir alguns desses elementos.

4.1 A IDENTIDADE DE JONAS

O nome de Jonas (heb. יונה – Ionah, pomba) (MARTINEZ, 2014; RICHARD et al, 1906; STRONG, 2002) também pode ser um indicativo de sua missão: ele deve ir a um lugar distante carregando uma mensagem. O nome de seu pai (Amitai – Heb. אמיתי) é entendido como “verdade” ou “minha verdade” (ROBERT et al, 1997; MARTINEZ, 2014). Há um possível eco entre o nome de Jonas e a pomba enviada por Noé: o animal é mandado para buscar paz. O próprio Jonas sabia que quando foi mandado para Nínive, seu trabalho poderia levar a preservação deles, coisa que ele mesmo não queria (Jonas 4:2). Oséias 7.11 usa a pomba como um símbolo para Israel. Como Oséias foi um possível contemporâneo de Jonas, é e que esse é o único profeta que recebeu a missão de pregar para os gentios (pelo menos relatado no texto bíblico), é possível que o livro mostre o profeta como um representante da nação inteira de Israel (BARRY et al, 2016b), a qual, como mencionado acima, possuía a missão de ser “luz para os gentios”. Além disso, quando perguntado pelos marinheiros do barco de onde ele era, sua resposta “sou hebreu” (1.9) pode ser um uso usado apenas em relação aos de fora (BARRY et al, 2016b), i. e.,

os israelitas se chamavam assim entre si, enquanto para os de fora eram vistos como os hebreus (ver Gn 14.13; 17; 39.14; 40.15; 41.12; 43.32; Ex 1.22; 2.6, 11, 13; 3.18; 5.3; 7.16; 9.1, 13; 10.3; 21.2; Dt 15.12, 1Sa 4.6, 9; 13.3, 7, 19; 14.11, 21; 29.3; Jr 34.9, 12), (BÍBLIA de estudo arqueológica, 2013).

4.2 ELEMENTOS DA SOBERANIA DE DEUS

O livro de Jonas mostra Deus agindo do início ao fim com atos miraculosos descritos com a linguagem da criação (ROBERT et al, 1997):

- YHWH provoca o vento que gera a tempestade (1.4)
- Jonas afirma que ele adora o Deus que fez os céus, que fez o mar e a parte seca (tradução livre, linguagem de Gênesis 1, especialmente o termo heb. יבשה – Yabashah, parte seca)
- YHWH manda o peixe engolir e depois cuspir Jonas
- No capítulo 4, YHWH faz a planta crescer em uma noite e depois a faz morrer na seguinte

Esses elementos são ecos da linguagem do capítulo 1 de Gênesis, mostrando Deus como soberano sobre tudo, não apenas circunscrito a Israel (GORE et al, 1942). A própria declaração de Jonas serve para fazer com que os marinheiros reconheçam estarem diante do Deus soberano sobre a natureza, o que faz com que estes prestem culto a esse Deus depois que lançam Jonas no mar (MARTINEZ, 2014).

Além disso, a soberania de Deus é ressaltada no fato de Jonas, mesmo fugindo de Deus, ainda cumpre seus propósitos: a rebelião de Jonas causou a tempestade, que foi o que levou ele a declarar aos marinheiros quem era o Deus verdadeiro, soberano sobre a criação e leva estes a adorarem tal Deus, com sacrifícios e votos (1.16). A rebelião do servo não impediu o desígnio de Deus de salvar os gentios.

4.3 O USO DO VERBO קרא (QARA') NO CAPÍTULO 1

O uso do verbo קרא é marcante no livro, sendo o principal verbo da narrativa:

- YHWH ordena que Jonas קרא sobre Nínive (1.2 e 3.1)
- Os marinheiros ordenam que Jonas קרא para o Deus dele, para serem livrados da tempestade
- Jonas finalmente קרא a Deus dentro do ventre do peixe
- Jonas obedece a ordem e קרא em 3.4
- Os ninivitas קרא a Deus com jejum e pano de saco para tentar refrear a ira dele em 3.5
- O rei de Nínive ordena que todos, até os animais, devem קרא a Deus para refrear a ira dele em 3.8

Os usos deste verbo chamam atenção, pois embora seja traduzido geralmente como “clamar”, esta também pode significar “gritar, chorar” (STRONG, 2002; RICHARD et al, 1906; BOSMAN, 2009). Sendo assim, o livro faz um jogo de palavras: Jonas tem a missão de קרא contra a cidade, se recusa a fazê-lo, quem o faz são os marinheiros. Depois Jonas finalmente קרא, não sobre Nínive, mas para Deus, quando está dentro do peixe. Quando então Jonas קרא contra Nínive, os ninivitas קרא para Deus em busca de misericórdia. Jonas depois afirma que fugiu no início (ou seja, não queria Nínive fosse poupada. Isso pode mostrar uma ambiguidade nesse verbo: seria uma mensagem de destruição, mas de certa forma continha uma mensagem de misericórdia. O oráculo profético que anunciava o fim era um gesto de misericórdia de Deus, sem o qual os ímpios seriam destruídos. Jonas entendeu isso desde o início, e por isso fugiu para que Deus não exercesse misericórdia.

4.4 ARREPENDIMENTO E FREIO DA IRA DE DEUS

De maneira geral, a grande parte das mensagens dos livros proféticos falam sobre o castigo pela rebelião. Jonas apenas se destaca neste caso, porque sua mensagem é endereçada não há israelitas, mas sim pagãos. Embora todos os profetas possuam mensagens de juízo contra nações pagãs, Jonas é o único comissionado a ir até uma dessas nações para entregar sua mensagem (pelo menos relatado na Bíblia), e o único aparentemente que teve sucesso total na sua pregação. Em toda a Bíblia, a ira de Deus se acende com aqueles que praticam a maldade, mas também é lhes dado uma oportunidade de retorno

(heb. שוב – Shub), o que faz com Deus refreie sua ira e poupe aqueles que “se voltaram do seus maus caminhos”.

Em Jonas, fica claro que esse era o propósito de Deus para com Nínive (4.11). Deus queria exercer misericórdia para com eles, como ele mesmo diz: “não sabem a diferença entre direita e esquerda”, ou seja, compaixão por pessoas que não tem discernimento, as quais ele mesmo criou (em contraste com a compaixão de Jonas por uma planta que nem mesmo fora que houvera plantado). Até os animais são inclusos como alvo de compaixão. Deus busca arrependimento de todas as criaturas, não só do povo de Israel. A nação escolhida deveria ser exemplo para as demais, mas seu pecado acende a ira de Deus, o qual na sua compaixão não envia juízo sem antes oportunidade de arrependimento. O mesmo vale para os de fora de Israel.

Anos antes, Deus falara a Salomão depois da inauguração do templo:

Quanto a este templo que você está edificando, se você andar nos meus estatutos, e executar os meus juízos, e guardar todos os meus mandamentos, andando neles, cumprirei para com você a minha palavra, a qual falei a Davi, seu pai. E habitarei no meio dos filhos de Israel e não abandonarei o meu povo” (1Reis 6.12-13, NAA)

Ouvi a sua oração e escolhi para mim este lugar para casa do sacrifício. Se eu fechar o céu de modo que não haja chuva, ou se ordenar aos gafanhotos que consumam a terra, ou se enviar a peste entre o meu povo, **se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar, me buscar e se converter dos seus maus caminhos, eu ouvirei dos céus, perdorei os seus pecados e sararei a sua terra.** Os meus olhos estarão abertos e os meus ouvidos estarão atentos **à oração que se fizer neste lugar.** Porque escolhi e santifiquei **este templo**, para que nele esteja o meu nome para sempre; os meus olhos e o meu coração estarão ali todos os

dias. **Se você andar diante de mim como fez o seu pai Davi, fazendo segundo tudo o que lhe ordenei e guardando os meus estatutos e os meus juízos, também confirmarei o trono de seu reino, segundo a aliança que fiz com Davi, seu pai, dizendo: “Nunca lhe faltará sucessor que governe em Israel.** (2Cr 7.12-18, NAA, grifo do autor)

Esse texto é importante no contexto da aliança davídica, que o contexto onde Jonas se encontra. Ele menciona Deus se afirmando disposto a perdoar todo aquele que se arrepender e clamar a Ele por misericórdia, e mostra o templo como centro dessa ação, o que é importante, pois o próprio Jonas menciona o templo duas vezes em sua oração (2. 5 e 8).

Outros textos paralelos a este também mostram outros pontos importantes, em 2 Reis 8, Salomão dirige a Deus súplicas para que todo que pecar que se chegue ao templo pedindo por misericórdia, que Deus use de compaixão para com este. Mas ele também acrescenta:

Também ao estrangeiro, que não for do teu povo de Israel, porém vier de uma terra distante, por amor do teu nome — **porque ouvirão do teu grande nome, e da tua mão poderosa, e do teu braço estendido —, e orar, voltado para este templo,** ouve tu nos céus, lugar da tua habitação, e faze tudo o que o estrangeiro te pedir, a fim de que **todos os povos da terra conheçam o teu nome,** para te temerem como o teu povo de Israel e para saberem que este templo, que eu edifiquei, é chamado pelo teu nome. (2Reis 8.41-43, NAA, grifo do autor)

Isso significa que não só os israelitas tinham acesso a compaixão e ao perdão de Deus, mas também os estrangeiros que reconhecessem YHWH como Deus verdadeiro podiam alcançar misericórdia, se assim se arrependessem e clamassem por YHWH. Jonas certamente não era ignorante quanto a nenhum destes fatos, como ele mesmo afirma (4.2). Sendo assim, era parte do

propósito de Deus com a alinhar davídica (e também com todas as anteriores) que todos, hebreus e gentios, participassem da bênção.

4.5 A IRA DE JONAS

Jonas não reage positivamente ao fato de Deus ter poupado Nínive. Enquanto Deus deixa de lado sua ira ao ver o arrependimento da cidade (3.9-10), o profeta, antes houvera sido perdoado e poupado da destruição, agora fica irado pôr a cidade ter sido preservada (4.1). Assim como Elias, ele pede para morrer por achar que sua missão não foi bem-sucedida (GORE et al, 1942).

O motivo da ira de Jonas tem sido entendido por alguns o fato de que isso faria dele um falso profeta, pelo fato de sua profecia não ter se cumprido (ver Dt 18:2) (ROBERT et al, 1997). Mas o próprio Jonas fala que o motivo de ter fugido no começo foi porque sabia que Deus teria misericórdia da cidade, e ele não queria isso (4.2). Mas também é debatido o porquê Jonas não querer o arrependimento de Nínive: alguns sustentam que, por ter sido a cidade a capital de um império terrível e temido, Jonas seria mais de todos os que riam ver a cidade destruída. Outra sugestão seria de que Jonas esperava que com a destruição de Nínive, isso servisse de exemplo para ele ver sua nação temer o juízo de adeus e se arrepender dos seus maus caminhos (CCEWB).

O fato é que, Jonas não fica feliz com o livramento de Nínive e por isso não queria cumprir sua missão no início. O que ele queria era que a cidade fosse destruída. Ele mesmo não percebe que houvera pecado no início, mas clamou (heb. קרא) a Deus por misericórdia e Deus o salvou. Jonas se contrasta com os demais personagens do livro, tanto os marinheiros como os ninivitas reconhecem a soberania e a misericórdia de Deus, e fazem votos, enquanto Jonas o faz apenas para si, mais uma vez o profeta é um símbolo de Israel, que busca misericórdia para si e não para os demais (BJ).

A lição de Deus usando a planta, mostra que se Jonas é capaz de ter misericórdia e compaixão por uma planta que nem mesmo ele plantara, muito mais Deus tem misericórdia de suas criaturas (MARTINEZ, 2014; ROBERT et al, 1997), e não só com Israel.

4.6 TIPOLOGIA DE JONAS NO NOVO TESTAMENTO

Curiosamente, Jonas é citado nos evangelhos como uma figura tipológica de Jesus (EASTON, 1893; ROBERT et al, 1997, BARRY et al, 2016) Ainda que não exista um conceito básico sobre de tipologia (BEALE, 2013), Kaiser (2007) afirma que tipologia “pode apontar uma correspondência básica no espaço e no tempo”. Ou seja, paralelos na história que carregam elementos semelhantes. Segue os usos que o Novo Testamento faz do livro de Jonas:

Tabela 1. Comparativo tipológico de Jonas e Jesus usado no Novo Testamento

Jonas	Novo Testamento
Jonas fica 3 dias 3 e três noites no ventre do Peixe (que ele mesmo chama de Sheol (לואש, o equivalente grego para hades – άδης), e no “Coração dos mares” (Jonas 1.17, 2.2-4)	O Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra (Mt 12.40, NAA), esse seroa o sinal de Jonas para aquela geração (Mt 16.4, Lc 11.29-30)
Os ninivitas se arrependeram com a pregação de Jonas	Alguém maior que Jonas está pregando em Israel e eles não se arrependem (Mt 12.41)

Fonte: autor

Outros autores ainda vêm mais paralelos que ainda não são citados na Bíblia: Jonas serve como “bode expiatório”, i. e., ele diz aos marinheiros que deve ser jogado no mar para que as vidas deles fossem poupadas pelo seu sacrifício (ROBERT et al, 1997). Esse tipo não é perfeito, pois Cristo é o sangue inocente morrendo pelos pecadores enquanto Jonas é o sangue culpado e os que jogam no mar são inocentes (Jonas 1.14). Ainda assim, o fato de Jonas ter sido engolido, ido para o Sheol/Hades e isso ter servido como sinal para os ninivitas se arrependem, é usado por Cristo como sinal para a sua geração, quando ele iria para o hades, o coração da terra, e quando saísse, então seria pregada salvação aos gentios (ROBERT et al, 1997). Jonas mesmo reconhece dentro

do peixe que a salvação vem de YHWH (2.9, ישועתה ליהוה – Yeshuatah laYHWH, salvação vem de YHWH, mesma origem do nome hebraico de Jesus, Yeshua) (MARTINEZ, 2014). Embora não seja certo, alguns dizem que o sacrifício de Jonas foi uma forma de abnegação para poupar os marinheiros, quando ele mesmo houvera reconhecido o seu erro (GORE, 1942). A Bíblia de Jerusalém (2002), na sua introdução a Jonas afirma que este livro é mais um passo para o Novo Testamento, quando Deus se mostra não sendo só dos Judeus, mas de todos (embora isso já havia sido dito nas Escrituras hebraicas várias vezes, como afirmado acima).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jonas não se refere a nenhuma aliança específica, ou quebra dela, mas ele do tempo da aliança Davídica, quando mais do que nunca Israel deveria ser a luz para as nações, mas não foi por sua impiedade. Jonas, como um tipo do povo, é mandado anunciar juízo para um povo pagão, o que deveria ser o trabalho da nação como um todo, mas como filho do seu povo, ele se recusa a ir. A impiedade do profeta não fere os planos de Deus, como ele mesmo reconheceu, o mesmo se dá com Israel. A saída de Jonas do Sheol / Hades, do ventre da terra é seguida de salvação para um povo gentio, tipificando a morte e a ressurreição do Messias, descendente de Davi, que se sentaria no trono para julgar e governar sobre as nações (Ap. 11, 12, 12.5; Sl 2.9-10, 110.1-7;; Mc 16.19, 2Sm 7.12-16). Jonas é uma miniatura o Reino de Deus se expandindo para além das fronteiras de Israel, é um exemplo para os israelitas de sua época que YHWH, não é só o Deus deles, mas de tudo e de todos, e que Ele não está limita sua misericórdia apenas para o seu povo, mas para todas as suas criaturas, para que venham a se tornas seu povo (ver Oséias 1.10). Deus tem misericórdia de quem quer, e o arrependimento dos gentios serve como uma forma de despertar ciúmes no seu povo para que esse se volte para Ele (ver Romanos 10.19, 11.11, 11.14).

REFERÊNCIAS

BARRY, J. D., BOMAR, D., BROWN, D. R., et al., orgs., **The Lexham Bible Dictionary**. Bellingham, WA: Lexham Press. 2016.

BARRY, J. D., BOMAR, D., BROWN, D. R., et al., **Faithlife Study Bible**. Bellingham, WA: Lexham Press. 2016

BEALE, G.K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**: exegese e interpretação. 1. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2013.

BÍBLIA de Estudo Arqueológica NVI. 1ª ed. São Paulo, SP: Vida, 2013.

BÍBLIA de Jerusalém. 1ª ed. São Paulo, SP: Paulus, 2002.

BÍBLIA Sagrada, Nova Almeida Atualizada. 1ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BOSMAN, H. J., OOSTING, R, POSTMA, F. **Wörterbuch zum Alten Testament**: Hebräisch/Aramäisch-Deutsch und Hebräisch/Aramäisch-Englisch: A Hebrew/Aramaic-English and Hebrew/Aramaic-German Lexicon of the Old Testament. Deutsche Bibelgesellschaft, 2009.

EASTON, M. G., **Easton's Bible dictionary**. New York: Harper & Brothers, 1893.

ERICKSON, M. J. **Teologia Sistemática**. 1 ed. São Paulo, SP: Vida Nova,. 2015.

BARTHOLOMEW, C., GOHEEN, M. **O Drama das Escrituras**: Encontrando o nosso lugar na história bíblica. 1 ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017.

GORE, CHARLES, GOUDGE, H. L., GUILAUME, A., orgs., **A New Commentary on Holy Scripture: Including the Apocrypha**. New York: The Macmillan Company. 1942.

ROBERT, J., FAUSSET, A. R., BROWN, D. **Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible**. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997.

KAISER, W. C. **Introduction to Biblical Hermeneutics**. 1. ed. Michigan, Zondervan, 2007.

MARTINEZ, J. C. org. **Foco & desenvolvimento no Antigo Testamento**. 2a ed. Revisada e Atualizada. São Paulo: Hagnos, 2014.

STRONG, J. **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Barueri,SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

RICHARD, W., BROWN, F., DRIVER, S. R., Charles A., BRINGS, C. A., **The Abridged Brown-Driver-Briggs Hebrew-English Lexicon of the Old Testament**: from A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament by Francis Brown, S.R. Driver and Charles Briggs, based on the lexicon of Wilhelm Gesenius. Boston, New York: Houghton, Mifflin and Company, 1906.